

O que o Texto Bíblico Significou e o que Ele Significa

Ekkehardt Mueller

É bastante interessante se assentar em uma classe da escola sabatina e ouvir a discussão de uma passagem bíblica presente na lição. Há algumas classes que se fixam na perspectiva histórica do texto. Elas discutem o texto ou história em seu contexto original, por exemplo, o livro de Daniel no contexto do sexto século antes de Cristo. Às vezes, caso aconteça, o texto é usado para se referir a nossa situação atual. Existem outras classes que aplicam um texto bíblico diretamente aos nossos tempos sem levar em consideração o tempo e as circunstâncias quando o livro bíblico foi escrito, apesar de ser de bastante ajuda para se compreender, por exemplo, o que estava acontecendo quando o livro de Amós foi escrito (Oitavo século antes de Cristo).

Obviamente que ambas as abordagens são extremas, e seria melhor lidar com ambas as questões, o passado e o presente. Contudo, uma importante questão deve ser levantada: Conquanto de uma forma ou de outra seja preciso distinguir entre a situação dos leitores originais da mensagem bíblica e a situação dos leitores do presente, é a mensagem fundamentalmente a mesma e se refere a nós hoje ou ela deveria ser modificada e adaptada para o contexto e cultura modernos?

I. O conceito “O que o texto significava e o que ele significa”

K. Stendahl tem discutido e defendido o conceito – amplamente aceito nos círculos teológicos e eruditos – de que devemos distinguir claramente o que o texto significou em seu contexto original e o que o texto significa para nós hoje.¹ Isso também tem influenciado teólogos, pastores, e membros adventistas. Alguns têm sugerido que assuntos como homossexualismo, divórcio e novo casamento, e o uso de joias devem ser interpretados à luz da cultura atual ao invés de no contexto nos quais textos bíblicos foram produzidos, na antiguidade.

É verdade que estamos vivendo no século vinte e um depois de Cristo e não no século sétimo antes de Cristo, ou no primeiro século da era cristã, e que hoje nosso mundo é diferente do mundo do antigo oriente médio. A maioria de nós fala línguas diferentes daquelas usadas pelos escritores da Bíblia, e muito da nossa cultura incluindo-se as respectivas visões de mundo, costumes, comida, arte, e muitas outras coisas diferem das culturas descritas na Bíblia. Portanto, somos chamados a investigar cuidadosamente o texto bíblico e tentar entender as línguas, os tempos, e as circunstâncias sob as quais esses textos foram escritos. Devemos tentar ver com os olhos e ouvir com os ouvidos daqueles que viveram séculos atrás. Por tentarmos vencer as barreiras do tempo, linguagem, e cultura, nós cremos que podemos nos aproximar do texto bíblico e aplicá-lo para nossa situação hoje. Ainda permanece a pergunta caso exista ou não a necessidade de distinguir acentuadamente entre o que o texto significou e o que ele significa.

II. Problemas com tal conceito

Muitas vezes, por detrás dessas questões jaz a ideia e a agenda de que o texto bíblico precise ser reaplicado para nossa situação presente de uma maneira absolutamente nova. Quando isso é feito o vocabulário bíblico continua sendo usado, contudo, com um sentido completamente novo. Por exemplo, é afirmado que a ressurreição de Jesus, que de acordo com o Novo Testamento é a garantia para a futura ressurreição física dos redimidos, não foi uma ressurreição física e histórica. Portanto, ela meramente aponta para uma ressurreição espiritual dos crentes em uma nova dimensão de vida aqui e agora, seja lá o que isso signifique.² Por seguir essa abordagem nós substituiríamos as

intenções originais de Deus pela autoridade do intérprete humano e abriríamos o texto para inúmeras interpretações, correndo risco de substituir a verdade pelo relativismo e pelo pluralismo.

Se o texto bíblico se desenvolveu (evoluiu) por processos naturais sem uma revelação e inspiração divinas – como às vezes se afirma – sua mensagem é certamente limitada a um tempo e cultura específicos. Se por outro lado, a Escritura é a Palavra de Deus escrita por autores humanos, ela transcenderá essas barreiras e nos alcançará inclusive hoje.

A carta aos colossenses não foi limitada àquela igreja (Col 4:16), mas era também importante para a igreja de Laodiceia. O livro do Apocalipse ao ser endereçado às sete igrejas aponta para sua importância universal; e ao conter uma bênção para todos aqueles que o ouvirem, ou lerem, ele ultrapassa as barreiras de lugar, tempo, e cultura. Em 1 Coríntios 10:6 e 11, Paulo enfatiza duas vezes que a história de Israel é um exemplo para a igreja do Novo Testamento. Entre uma afirmação e outra, Paulo adverte contra a idolatria, a fornicção, a presunção, e murmuração contra Deus ao usar relatos históricos que lidavam com o povo da aliança de Deus no Antigo Testamento. Em Hebreus 11 os heróis da fé são introduzidos. Em Hebreus 12:1-2a, uma conclusão para a audiência do autor é delineada: “Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus...”

As Escrituras também apontam para o princípio da personalização de textos bíblicos. O que Deus fez pela geração do êxodo se aplica semelhantemente às gerações futuras. Eles ainda participam de suas ações salvíficas (Deut. 5:2-4). De forma similar, o crente cristão já participa aqui e agora na morte, ressurreição e ascensão de Cristo (Gálatas 3:29; Efésios 2:6). Se, todavia, o princípio “o que o texto significava e o que ele significa” for aplicado de uma forma radical, a correspondência ou aplicação no presente poderia ter pouco a ver com a intenção original do texto.

Além do mais, precisamos manter em mente que a despeito das diferenças existe um alto grau de continuidade na humanidade independentemente de tempo, cultura, ou circunstâncias especialmente quando tratamos de questões morais bem como de princípios psicológicos e antropológicos gerais.³

“A bíblia ensina claramente que a unidade da humanidade derivada de seus primeiros pais é mais fundamental do que a diversidade da expressão cultural. Paulo afirma essa proposição sucintamente: “de um só homem fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra” (Atos 17:26). O relato de criação de nosso primeiro pai, Adão, em Genesis 1 e 2, descreve o homem sendo criado à imagem e semelhança de Deus. Seguindo o método empírico antropólogos e psicólogos também têm descoberto uma unidade na humanidade, uma existência de atributos comuns que eles localizaram em suas necessidades e operações funcionais, perceptivas, e intelectuais que são constantes de cultura em cultura. ...Deus não apenas se refere à questões culturais ao homem como homem (Genesis 1:28; 9:1-3), mas ele chama e direciona indivíduos como líderes-chaves em sua obra salvífica independentemente de suas culturas. ...A unidade da humanidade criada à imagem de Deus, mantida tão inequivocamente do início ao fim da bíblia, persiste mesmo à face do ...relativismo epistemológico ou moral cultural.”⁴

Apesar de cremos que Deus falou em situações específicas através dos profetas, Sua mensagem transcende essas situações. Tem sido dito corretamente que a Escritura não é condicionada culturalmente ou historicamente, mas constituída culturalmente e

historicamente. Ela foi dada em um tempo e em um contexto cultural específico, mas ela vai além dessas culturas e nos impacta hoje.⁵

III. A utilidade de “O que o texto significava e o que ele significa”

A despeito da natureza problemática do conceito “o que o texto significava e o que ele significa hoje” ele pode ser útil das seguintes maneiras: (1) Ele nos lembra de que enquanto estamos estudando as Escrituras devemos dar atenção suficiente tanto ao texto em seu contexto original quanto a seu significado para leitores modernos. (2) Esse conceito nos ajuda a estarmos conscientes da questão da “permanência” na Escritura. Quando estamos lidando com o decálogo é bastante evidente que o que o texto significava e o que ele significa são coisas idênticas. Os escritores do Novo Testamento afirmaram a natureza permanente dos dez mandamentos (Romanos 7:7, 12; 13:8-9; Tiago 2:8-12) e o mesmo tem sido afirmado por judeus e por cristãos através dos séculos. Mas o que dizer de outros mandamentos como o de que um filho rebelde deveria ser morto (Deuteronômio 21:18-21)? O que esse texto significou no passado é idêntico ao que ele significa no presente, ou o texto hoje significa algo diferente? Quais partes da Escritura são permanentes mesmo em detalhes, e quais contêm apenas princípios permanentes?

Vamos nos voltar agora para esse aspecto. Uma olhada em diferentes tipos de textos bíblicos pode provar ser útil ao respondermos a questão acima formulada.

- (1) *Passagens que lidam com doutrinas bíblicas.* A Escritura contém passagens inteiras que focam na apresentação de uma doutrina bíblica específica.⁶ As doutrinas bíblicas são independentes de tempo e de cultura. Um ensino bíblico talvez pode não ser plenamente entendido por uma geração em particular, mas, por exemplo, a doutrina bíblica da segunda vinda de Jesus não é verdadeira hoje e será equivocada amanhã. As doutrinas bíblicas podem expressar em termos culturais até certo grau – Hebreus 1 apresenta a Jesus como Rei, e no resto do livro ele é apresentado como Sumo Sacerdote – mas mesmo hoje em dia nós entendemos que um rei é o governante supremo e que um sacerdote funciona como um mediador. Dessa maneira é que não há diferença entre o que o texto significava e o que ele significa quando estamos tratando de doutrinas bíblicas.
- (2) *Passagens proféticas e promessas.* Um quadro similar surge com respeito à profecia bíblica, predições, e promessas. Isaías 53, descrevendo o sofrimento do Servo de Deus, o Salmo 2 ou 110, apontando para o Messias, ou Daniel 2 e 7, retratando a história do mundo até a consumação final, são textos transtemporais e transculturais. Contudo, devemos manter em mente que algumas profecias e muitas promessas contêm um elemento de condicionalidade. Além do mais, devemos fazer distinção entre predições e promessas endereçadas a um indivíduo ou grupo específico, e aquelas predições e promessas endereçadas para toda a humanidade. As profecias e promessas direcionadas a indivíduos e grupos específicos não podem ser aplicadas para nós diretamente, conquanto seus princípios gerais ainda sejam válidos. Por outro lado, as profecias e promessas dadas à humanidade em geral devem ser consideradas tais quais elas se encontram.⁷
- (3) *Passagens contendo narrativas.* A Escritura contém muitas seções de narrativas incluindo-se biografias mais curtas ou mais extensas. Elas nem sempre contêm uma avaliação do comportamento do herói, e leitores contemporâneos não deveriam deduzir a partir desse silêncio que ela coaduna com as atitudes desse herói. As narrativas devem ser distinguidas de textos legislativos (legais). Ainda assim elas precisam ser expostas como “relevantes para os crentes contemporâneos sem que se faça que elas digam algo que o autor original não tinha a intenção de dizer.”⁸ Esses

princípios básicos por detrás das narrativas devem ser descobertos e aplicados ao leitor/ouvinte contemporâneo.

- (4) *Textos de Sabedoria*. A literatura sapiencial como encontrada, por exemplo, no livro de provérbios e em Eclesiastes contém ditos que expressam “o que típico ou normal sem sugerir ou implicar que nunca existam exceções.”⁹ Muitos desses ditos são tão plenos e fazem tanto sentido independentemente de cultura ou tempo que a aplicação deles será, via de regra, uma elaboração do que já está afirmado.
- (5) *Passagens contendo ordens*. O verdadeiro desafio vem quando tratamos com as passagens que contêm ordens ou mandamentos. Felizmente, a Escritura nos diz que algumas ordens ou leis não são de uma natureza permanente como no caso das leis sacrificais e cerimoniais.¹⁰ Semelhantemente, a imposição obrigatória das leis teocráticas e civis do Antigo Testamento veio a um fim quando a teocracia acabou.¹¹ Algumas leis eram meras concessões temporárias ao coração endurecido dos israelitas (Mateus 19:8), e no Novo Testamento Jesus restaurou a vontade original de Deus (Mateus 19:4-6, 8). O Novo Testamento ensina claramente que os dez mandamentos ainda estão válidos e que tais práticas cristãs, como o batismo, o lava-pés, e a ceia do Senhor não podem ser substituídos por outras formas, pois elas estão enraizadas “em Cristo” explicitamente tanto em exemplo quanto em mandamento.”¹² Para distinguir entre leis permanentes e não permanentes nós devemos, entre outras coisas – (1) explorar as respectivas passagens e seus contextos para determinar caso o vocabulário seja ou não usado de forma a apontar para uma forma limitada de prática, (2) manter em mente que uma audiência limitada pode apontar para uma aplicação limitada de uma prática específica, e (3) traçar o tópico de investigação por toda a bíblia para ver caso mudanças ocorreram ou não, o que pode apontar para uma aplicação limitada.¹³ “A afirmação básica de nossa abordagem é de que todo ensinamento bíblico – mandamentos, promessas, e afirmações da verdade – é normativa, a menos que a Escritura indique explicitamente o contrário.”¹⁴ Se depois de um estudo cuidadoso não possa ser determinado se uma determinada prática ou não é permanente, devemos “aplicar o preceito bíblico da humildade”¹⁵ e seguir essa prática de forma precisa, mesmo hoje em dia. Mandamentos permanentes são válidos da mesma forma como eram válidos no passado, enquanto que no caso dos mandamentos limitados o princípio deve ser apresentado e aplicado à nossa situação presente.

Conclusão

O princípio que distingue entre o que um texto significava e o que ele significa tem certa validade quando analisamos algumas narrativas bíblicas, investigamos algumas profecias e promessas endereçadas para indivíduos ou grupos específicos, e estudamos textos que lidam com ordens e mandamentos divinos de natureza não permanente. Essas passagens não podem ser transferidas para nossa realidade presente na base de uma correspondência idêntica. Os princípios subjacentes contidos nessas passagens devem ser encontrados e aplicados para nossa situação presente.

Contudo, da perspectiva de uma leitura atenta da Escritura o princípio tem sérios erros quando é usado para desacreditar relatos históricos, para se rejeitar as intervenções sobrenaturais na história da humanidade, e para negar que existem inúmeras correspondências idênticas na Escritura nas quais o que o texto significava é exatamente o que ele significa hoje.

Portanto, sugerimos que como uma regra geral que o que o texto bíblico significava em seu contexto original, é em princípio o que o texto significa para nós hoje. O próprio Jesus estava convencido que a Escritura estava direcionada não apenas à sua audiência

original, mas também para as gerações de seu tempo bem como às gerações por vir, sem sujeitá-la a um processo de desistorização ou demitologização.¹⁶

¹Krister Stendahl, "Biblical Theology, Contemporary," *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, 5 vols., ed. George A. Buttrick (New York: Abingdon Press, 1962), 1:418-432.

²Esse processo também é chamado de tradução de categoria. Veja, Langdon Gilkey, "Cosmology, Ontology, and the Travail of Biblical Language," *The Journal of Religion* 41 (July 1961):204.

³Por exemplo, tomar a esposa do próximo é mais ou menos inaceitável em escala universal. As experiências do sofrimento, doença, rejeição, e morte são familiares a quase todos os seres humanos. Eles desejam ser aceitos, amados, partilhar de amizade e interação social são coisas comuns a todos nós. Ver também a hierarquia de necessidades de Maslow em James F. Engel, *Contemporary Christian Communications: Its Theory and Practice* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1979), 112-114.

⁴William J. Larkin, Jr. *Culture and Biblical Hermeneutics: Interpreting and Applying the Authoritative Word in a Relativistic Age* (Grand Rapids: Baker Book House, 1988), 199.

⁵Frank M. Hasel, "Reflections on the Authority and Trustworthiness of Scripture," in *Issues in Revelation and Inspiration* (Berrien Springs: Adventist Theological Society Publications, 1992), 208-209.

⁶Gênesis 1-2 retrata o Criador e a criação. Em Mateus 24 Jesus fala de Sua segunda vinda. Em Romanos Paulo explica a justificação através da graça pela fé, e em 1 Coríntios 15 ele explicita a doutrina da ressurreição. Apocalipse 20 contém o milênio.

⁷Quando Jesus anuncia a negação de Pedro e a possibilidade de sua conversão subsequente (Lucas 22:32, 24), ele não está se dirigindo a nós, conquanto nós sejamos chamados e não seguir seu exemplo, mas a examinar a nós mesmos e nos arrepender caso necessário. Cf. Robert B. Chisholm, Jr. *From Exegesis to Exposition: A Practical Guide to Using Biblical Hebrew* (Grand Rapids: Baker Book House, 1998), 259. Por outro lado, quando Jesus promete a vida eterna àqueles que crerem nEle (João 3:36), todos os verdadeiros discípulos de Cristo estão incluídos.

⁸Henry A. Virkler, *Hermeneutics: Principles and Processes of Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Baker Book House, 1981), 212.

⁹Chisholm, 258. Por exemplo, Provérbios 14:11 afirma que "A casa dos perversos será destruída, mas a tenda dos retos florescerá," o que muitas vezes é verdade. Entretanto, alguns crentes ficam perplexos que eles veem "a prosperidade do ímpio" (Salmo 73:3). Ainda assim há uma dimensão futura no qual essas afirmações se tornarão realidade.

¹⁰Elas apontavam para Jesus e foram cumpridas nEle (Hebreus 10:1-18).

¹¹Cf. Richard M. Davidson, "Biblical Interpretation," in *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Commentary Reference Series vol. 12, ed. by Raoul Dederen (Hagerstown: Review and Herald, 2000), 85-86, que demonstrou que o próprio Antigo Testamento já apontava para suas limitações.

¹²Davidson, 86.

¹³Cf., Larkin, 353-356.

¹⁴Ibid., 354.

¹⁵Virkler, 228.

¹⁶Veja, por exemplo, Mateus 5:17-48; 24:20 e Êxodo 20.